

O PRENÚNCIO DA “NATUREZA ROMÂNTICA” NA ESCRITA DE ROUSSEAU

Luciano da Silva Façanha (UFM)

Resumo: O objetivo deste texto é analisar as matizes rousseauianas que desembocam tanto no primeiro romantismo, na Alemanha do *Sturm und Drang*, quanto nas doutrinas políticas da Revolução Francesa, assim como na moral e na filosofia da história de Kant.

Palavras-chave: matizes rousseauianas – Romantismo Alemão – Revolução Francesa – Kant.

Goethe deu sentido, relevância histórica e supranacional ao *Sturm und Drang*¹. Esse movimento foi influenciado pelos ingleses James Macpherson e Shakespeare – autor sobre o qual Lessing já chamara atenção dos alemães –, o conde de Shaftesbury, além dos alemães Schiller e os filósofos Jacobi, Klinger e J. Gottfried Herder, com suas primeiras produções poéticas e literárias; mas essa abertura, nos diz o próprio Goethe², foi consequência do discurso intimista, nos tempos modernos, de “Rousseau, que disseminava a repulsa à vida social, mola secreta dessas pavorosas revoluções em que pareceu soçobrar tudo quanto existia”; a expressão peculiar desse autor, “verdadeira criatividade romântica”, iria mais tarde ser batizada de Romantismo, e, no século seguinte ao Iluminismo, teria grande efeito na Filosofia e Literatura Alemã, pois, a sensibilidade desse filósofo causou enorme impressão ao Pré-Romantismo do *Sturm und Drang*, preparando o solo para o desenvolvimento posterior do movimento Romântico, sendo sensíveis a conjugação do sentimentalismo, do sentimento da natureza, do instinto, do intimismo, das ideias políticas, das digressões moralizantes, da pedagogia e das meditações filosóficas de Rousseau.

1 Segundo Spenlé (1945, p. 52), a expressão *Sturm und Drang* apareceu pela primeira vez como título de uma peça do autor alemão Friedrich Maximilian Klinger, publicado em 1776, no qual o autor faz uma interpretação sobre ‘o evangelho do retorno à Natureza de Rousseau’, principalmente no que tange às emoções, aos arautos do expressionismo individualista e subjetivista e sobre a ordem natural do racionalismo; peça esta, que acabou dando nome ao movimento literário alemão do ‘*Sturm und Drang*’, entre 1760 e 1770, caracterizado pela revolta contra o racionalismo, em nome do sentimento e da natureza. Os dois termos, provavelmente, devem ser entendidos como hendíadis, ou seja, como dois termos que expressam conceito único com duas palavras: assim, numa tradução muito aproximativa, o sentido deveria ser “ímpeto tempestuoso”, “tempestade de sentimentos”, “efervescência caótica de sentimentos” ou “tempestade e ímpeto”.

2 GOETHE. *Memórias: poesia e verdade*. 1986, p. 375.

Cassirer observa que o “*Sturm und Drang* viu em Rousseau seu preceptor e mentor. Essa geração o considerou precursor do ‘novo evangelho da natureza’, também, como o pensador que tinha redescoberto a força originária do sentimento e da paixão, liberando-os de toda a coerção, dos limites dos sistemas e da racionalidade”.³

O teórico enfatiza que, mesmo havendo uma abundância e um excesso de produções poéticas no século XVIII, “as forças originais da poesia acabam morrendo”. Conforme observação de Lanson⁴, é o surgimento da “época da literatura francesa denominada ‘*la poésie sans poésie*’”. Momento em que os gêneros poéticos continuam existindo e o verso até adquire uma certa mobilidade e uma leveza não obtida anteriormente, contudo, isso decorre, “justamente do fato de ele não estar mais sobrecarregado com um conteúdo verdadeiramente poético”⁵, é apenas um revestimento subjugado à ideia; em palavras do Cassirer, “serve como roupagem a uma verdade filosófica ou moral; é um recurso cômodo para se atingir um objetivo didático”⁶.

Há algum tempo, a literatura havia desaprendido a falar a linguagem elementar do sentimento e da paixão, no entanto, a poética, quase esquecida deste mundo reapareceu tão intensamente quanto profundamente, “esse encanto presente na língua e na literatura francesas é quebrado somente por Rousseau. Ele tornou-se o descobridor e o reanimador do mundo lírico, sem ser o criador de uma única poesia verdadeiramente lírica”⁷. Continua Cassirer⁸, com Jean-Jacques há um sentimento de transporte “do círculo da literatura para o centro de uma nova existência”, tomado “por um novo sentimento da vida”. O crítico ressalta que “Rousseau foi o primeiro a sentir essa ‘*Vita Nuova*’ e o primeiro a despertá-la nos outros”, pois, esse sentimento é fruto da sua própria relação imediata, cultivada com a natureza, “desde o primeiro despertar de sua autoconsciência espiritual.” E no momento em que se tornou um “misantropo solitário que evitava qualquer contato com os homens”⁹, reanima a voz da natureza, linguagem nunca esquecida, mas, aprofundada e extasiada nos seus *Devaneios de um caminhante solitário*, de 1777, obra simbolicamente inacabada, na qual, Jean-Jacques introduz, na língua francesa, o vocábulo “romântico”, em sua Quinta Caminhada:

As margens do lago de Bienne são mais selvagens e românticas do que
as do lago de Genebra, porque nelas os rochedos e os bosques cercam a

3 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 172

4 Apud CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 105.

5 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 105.

6 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 105.

7 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 105.

8 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 105.

9 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 105.

água mais de perto, mas elas não são menos agradáveis. Se há menor cultivo de campos e de videiras, menor número de cidades e de casas, há também mais verdura natural, maior número de prados, de refúgios sombreados de arvoredos, contrastes mais frequentes e acidentes do terreno mais próximos uns dos outros¹⁰.

Até esse momento, o vocábulo proveniente do inglês *Romantic*, “como nos antigos romances” se aproximava e tinha o sentido do que era romanesco, pitoresco e fabuloso, segundo observações de vários especialistas. Mas, ao qualificar as margens do lago de Bienne de românticas, Rousseau não só estava fazendo a consagração do termo. “Era mais que isso, a generalização de um sentimento de fuga à realidade social, de busca de um refúgio solitário, em colóquio com a natureza, capaz de nos conduzir às fontes puras que nos haviam gerado em nossa autenticidade primitiva”¹¹. Porém, havia também o fato de “romântico” ser percebido com outro sentido, o de oposição, enquanto desordenado, confuso, contrário ao rigor do Classicismo.

Provavelmente da teimosia de Rousseau, contra o racionalismo dos seus pares do pensamento ilustrado, nasceu a ideia de enquadrar o romantismo como uma revolta – iniciada originalmente na Alemanha – contra a predominância do gosto clássico francês na Europa. As brumas alemãs, representadas por Herder, Novalis, Hoffmann e outros, contra as luzes francesas – metáforas fartamente utilizadas para ressaltar a diferença entre o clássico e o romântico¹².

Assim, num primeiro momento, percebe-se claramente algumas características ‘românticas’ em Rousseau, nos *Devaneios de um caminhante solitário*, mas também, nas obras *Júlia ou A Nova Heloísa*, *Emílio ou Da Educação*, *Confissões*, nos *Diálogos: Rousseau Juiz de Jean-Jacques* e nas *Cartas* – claro, e por isso mesmo, ocasionando uma fratura da estética classicista com o seu “Pré-Romantismo”, na sua própria exaltação idílica, além da afirmação da grandeza anímica da Natureza, em suas imagens poéticas que solicitam o cultivo de si mesmo e a herborização, sem deixar de requisitar, tanto a palavra quanto o silêncio, os caminhos e descaminhos. E, nessa mesma intensidade, a sua atitude poética, por meio de seus escritos considerados políticos –

10 ROUSSEAU, J.-J. *OC I. Les Réveries du Promeneur Solitaire*. 1959b, p. 1040.

11 ELIA, S. Romantismo e linguística. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 2005, p. 115.

12 SALIBA, E. *As utopias românticas*. 1991, p. 13.

os *Discursos*, a *Carta sobre os espetáculos*, o *Contrato Social* etc. –, pois, conforme Hoffmeister¹³, a “criatividade romântica” de Rousseau, ou, o seu “Pré-Romantismo”, também era percebido ao realçar, em suas expressões, a importância de algumas ideias, como a de liberdade, natureza, sentimentos, tendo por consequência, não só no campo do pensamento, mas nas atitudes também, o processo da aceitação de novas ideias e a possibilidade de se repensar uma ordem anterior; dessa forma, servindo na Alemanha, enquanto marca de protesto social por aqueles que não acatavam as excessivas e otimistas ideias iluministas de progresso, “a repercussão no plano literário, acabou transformando-se num protesto estético”.

E, mesmo não se podendo afirmar da literatura francesa, um “Pré-Romantismo”, pois não chegou a constituir-se em nenhum movimento coerente em oposição ao racionalismo dominante do Iluminismo, Jean-Jacques Rousseau é apresentado como um caso agudo, tanto à “criatividade romântica” da obra quanto à sua “estranha atitude”.

Atitudes estranhas, tomadas a partir de alguns posicionamentos do genebrino, como a que descreve na *Terceira Carta* que envia ao Sr. Presidente de Malesherbes em 1762, na qual, o autor narra de forma significativa e explícita, o seu *pathos singular*. Expressando o êxtase de sua intensa felicidade, mas, identificando, nesse sentimento, um exaltado paradoxo, relata o filósofo: “é difícil falar de felicidade quando se sofre”; evidenciando, nesse choque de sentimentos inusitados, por meio da carta-confessional e apologética, uma nova atitude diante do seu século, em que relaciona com seu estado moral, sua solidão e misantropia. E, ao tentar esclarecer acerca desse extremo de felicidade e tristeza, confessa o abalo sentido, ao perceber que o Sr. de Malesherbes considerava-o “o mais infeliz dos homens”. Vejamos o que Rousseau diz em alguns trechos da carta:

O público provavelmente julgará como vós, e é isso, mais uma vez, o que me aflige. Oh, por que o mundo inteiro desconhece meu destino! Se o conhecessem, iriam ansiar por ele, a paz predominaria sobre a terra; ninguém mais tentaria prejudicar os outros. Mas de que usufruía eu quando enfim ficava sozinho? De mim mesmo, do universo inteiro, de tudo o que pode existir, de tudo o que o mundo sensível tem de belo e o mundo intelectual, de imaginável. Juntei ao meu redor tudo o que podia agradar a meu coração, meus desejos eram a medida de meus prazeres. Não, os mais voluptuosos jamais conheceram semelhantes delícias, e gozei cem vezes mais de minhas quimeras do que eles de suas realidades. [...] Que época da minha vida é essa que prefiro ter comigo em minhas noites de insônia, e à qual retorno com muita frequência

13 HOFFMEISTER, Gerhart. “Europäische Einflüsse”. In: SCHANZE, Helmut (Ed.). *Romantik-Handbuch*. 1994, p.116.

em meus sonhos? Não é dos prazeres da juventude, estes foram muito raros, demasiadamente mesclados a amarguras e já estão por demais distantes de mim. São os tempos de meu recolhimento; são as minhas caminhadas solitárias; são aqueles dias fugazes, mas deliciosos que passei inteiramente só comigo, com minha simples e boa companhia, com meu querido cachorro, minha velha gata, com os pássaros do campo e os animais da floresta; com toda a natureza e *em*, inconcebível autor. Quando me levantava ao raiar do dia para desfrutar e contemplar em meu jardim o despertar do sol, e o seu nascer prometia um belo dia, a primeira coisa que desejava é que nem cartas nem visitas perturbassem o seu encanto; [...] mas assim que conseguia dobrar alguma esquina, com que disparo de coração, com que alegria borbulhante começava a respirar sentindo-me salvo. [...] Eu saía correndo, e com que palpitações, com que excesso de alegria eu respirava aliviado ao sentir a certeza de ser dono de mim mesmo durante todo o dia! Ia então, em passo mais tranquilo, procurar algum lugar selvagem na floresta, um local deserto, no qual nada fizesse lembrar a mão do homem ou expressasse a sua dominação coercitiva, onde uma terceira pessoa não incomodasse interpondo-se entre mim e a natureza. Aí então se revela aos meus olhos um esplendor sempre novo. O ouro da *giesta* e a cor púrpura das *urzes* que envolvia o mundo encantavam meus olhos e tocavam meu coração; a majestade das árvores que me cobriam com suas sombras, a delicadeza dos arbustos que me cercavam, a espantosa variedade das plantas e das flores que eu calcava sob meus pés, mantinham o meu espírito numa alternância contínua de observação e admiração; o concurso de tantos objetos interessantes que disputavam minha atenção, atraindo-me incessantemente de um para outro, favorecia minha disposição de espírito sonhador e preguiçoso. [...]

Minha imaginação não tardava muito em povoar essa bela terra – e eu a povoava com seres que estavam de acordo com meu coração. Desembaraçando-me de toda convenção, todo preconceito, toda paixão fútil e artificial, fazia surgir no seio da natureza e sob a sua proteção homens dignos de habitá-la. Formava uma sociedade encantadora de que não me sentia indigno. Criava em minha fantasia um Século de Ouro e preenchia esses belos dias com todas as cenas de minha vida que tinham deixado doces lembranças, e todas aquelas que meu coração ainda podia desejar; [...] E até mesmo essa ansiedade era gozo, porque me via inteiramente perpassado por um sentimento muito vivo e por uma tristeza sedutora que não queria deixar de sentir. [...] Então, com o espírito perdido

nessa imensidão, não pensava, não raciocinava, não filosofava, sentia-me com certa volúpia acobreado pelo peso desse universo, entregava-me com deslumbramento à confusão dessas grandes¹⁴ ideias¹⁵.

Conforme Cassirer¹⁶, esta *carta* representa “de maneira clara e penetrante”, o aparecimento de toda a paixão e o sentimento humano de Rousseau, envolvido “na atmosfera do puro sentimento da natureza”. Com essa narrativa, fica evidente, que “o homem não está mais simplesmente ‘perante’ a natureza”, Jean-Jacques deixa de contemplá-la como mero espectador e insere-se, “na vida interior dela e vibra em seus ritmos próprios. E aí reside para ele uma fonte de felicidade que jamais poderá se esgotar”. Rousseau havia se perdido especialmente na imaginação e o seu coração, sufocado, vivendo nos limites da realidade, “não se sentia à vontade”. Mas, toda essa sensação do genebrino vivenciada ao tentar desvendar alguns “mistérios da natureza”, encarava de forma “deliciosa”, com um “êxtase entontecedor”, segundo o próprio autor, em que se entregava sem reservas, nos mais agitados de seus arroubos. São com essas características que se desvela “a nova época que Rousseau introduz na história do espírito europeu. A partir daí, está aberto o caminho para a época da ‘sensibilidade’ (*Empfindsamkeit*), para o ‘*Sturm und Drang*’ e para o Romantismo alemão e francês”¹⁷.

A figura provocante de Rousseau, também os frutos que as suas obras proporcionaram, quase sempre divergentes, às vezes, mais paradoxais do que o próprio autor originam um desconcerto, inclusive, em seu efeito imediato, mas tudo isso, “parece ser possível explicar num único ponto”; continua Cassirer: “o aspecto específico e peculiarmente novo que Rousseau proporcionou à sua época parece residir no fato de libertá-la do domínio do intelectualismo”¹⁸. Essa “singularidade” ou “excentricidade” foi algo diversamente novo que apareceu na espiritualidade francesa, “ameaçando dissolver todas as suas formas fixas e transbordar os seus limites cuidadosamente estabelecidos”¹⁹. Não é por acaso que, mesmo o otimismo de Rousseau é observado como “carregado e repleto” de uma “trágica seriedade”. Nos trechos dessa carta, reproduzidos aqui, se destaca que, “mesmo onde pinta a felicidade dos sentidos e a paixão sensual com as cores mais ardentes, Rousseau não se dá por satisfeito

14 Ressalta-se apenas que, na verdade, não se trata, cronologicamente da terceira carta ao Sr. de Malesherbes, senão, exatamente, da terceira que Rousseau reuniu sob esta indicação.

15 ROUSSEAU, J.-J. *OC I. Quatre lettres a M. Le Président de Malesherbes contenant le vrai tableau de mon caractère et les vrais motifs de toute ma conduite*. Lettre 3. 1959c, pp. 1138-1141.

16 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 106.

17 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 110.

18 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 103.

19 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 103.

com essa imagem contrastando-a com um fundo escuro e sombrio²⁰. Esses sentimentos que o acompanham, corporificam-se numa agudeza nunca vivenciada que o espírito do século XVIII combatia e dele se distanciava; fazendo com que os intelectuais desse período, que por um tempo curto acreditaram em sua entrada para a liga dos *philosophes*, porém, não tardando muito para identificarem-no como alguém estranho e incompreensível. Como o esforço descrito por D’Alembert²¹, que, ao tentar entender o cidadão de Genebra, sem desmerecê-lo, nem diminuir seus “méritos literários”, atribui a Rousseau, um “calor pessoal”:

Mas este ‘calor’ parece-me ser mais do tipo sensual que espiritual. Malgrado todo o efeito que ele produz sobre mim, ele apenas me agita... Não pretendo dar aqui minha opinião como regra; outros podem ser afetados de maneira diferente, mas é assim que sou afetado.

Ora, Cassirer destaca que, esse é um exemplo significativo de como Rousseau aparecia para seus contemporâneos, pois D’Alembert faz “um julgamento interessante e espiritual, mas não é historicamente justo”; vem à tona o “ímpeto” de um “temperamento” sentido pela força de expressão do “escritor Rousseau”, mas logo em seguida, rejeitado, pois, além de ser algo contrário ao modo de ser do nobre D’Alembert, foge “de uma ordem e clareza”, de uma “segurança metódica de seu mundo espiritual” e teme, que, por essa via, possa “ser atirado de volta aos caos da sensualidade”²²; abalando e tornando-se uma ameaça da aparente estabilidade dos domínios intelectuais que seguramente se convenciam pelo otimismo racionalista dos seus contemporâneos iluministas. Conforme Cassirer²³, “nem a filosofia nem a literatura francesa do século XVIII haviam sido tocadas até então por essa torrente. Pois há muito, a literatura havia desaprendido também a falar a linguagem elementar do sentimento e da paixão.”

Nunes²⁴ destaca a visão romântica de Rousseau na *Nova Heloísa*, que “por trás da atração dos cenários naturais, da fruição voluptuosa da paisagem – ‘a variedade, a grandeza e a beleza de mil espetáculos surpreendentes’”, que Saint-Preux já descrevia à Júlia, mas também, “por trás desses aspectos do culto da Natureza, enquadrados num confronto dramático com o mundo, está silhuetada a tácita insatisfação com o todo da cultura, misto de afastamento desencantado e de reprovação à sociedade”; principalmente, quando se percebe Saint-Preux dizendo à Júlia que “as meditações tomam não sei que caráter grande e sublime”, de forma

20 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 101.

21 Apud CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 112.

22 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 112.

23 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007, p. 103.

24 NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 2005, pp. 68-69.

proporcional ao que impressiona, com uma “volúpia tranquila”, ao se aproximarem das “regiões mais etéreas”, onde “a alma adquire alguma coisa de sua inalterável pureza”. Eis a situação “deliciosa” que Saint-Preux percebe e diz: “Imaginai... o prazer de somente ver ao seu redor objetos absolutamente novos, pássaros raros, plantas bizarras e desconhecidas, de observar, em certo sentido, uma outra natureza e de encontrar-se num mundo novo”²⁵. Nunes²⁶ lembra também que o culto da Natureza iniciou sem esse afastamento desencantado, pois, além de ter se ligado ao Contrato Social de Rousseau, incluiu um princípio de esperança política. E ressalta:

Ainda quando se refugiava às margens do lago de Bienne, nos *‘charmes de la nature’* que o compensaram das incompreensões e injustiças sofridas, a decepção misantrópica de Rousseau pelos homens manifestou-se como afronta à sociedade. Que maior afronta do que o exibicionismo do ócio, do estado de *farniente*, no *Reveries d’un promeneur Solitaire*, especialmente no relato da *Cinquième Promenade*? A aspiração arcádica de Rousseau, implícita nos dois *Discursos*, em *A Nova Heloísa* e no *Contrato Social*, consumou, de fato, a politização do conceito idílico de Natureza²⁷.

Rousseau quer pôr de lado o estatuto da natureza da regra clássica, pois provocaria sempre uma imitação vil e enganadora. A evocação à natureza externa e a deferência por esse mundo com o prenúncio romântico da natureza, enquanto idílio tem outro propósito, o de estabelecer uma postura crítica com relação à civilização (mostrar o quão desnaturado é o homem europeu). É um contra-modelo, pois, é contra a ideia de “Bela Natureza”, mas, a favor de uma natureza, enquanto referência e posicionamento, pois, só existe na imaginação. Portanto, a natureza é vista agora por um prisma diferente, ou seja, a natureza é vista como norma estética.

Dessa forma, observa-se que os traços que figuram na literatura de Rousseau, com características do Romantismo, “antes de ter sido uma ideia, foi um sentimento. Um sentimento novo, uma forma nova de receber a mensagem dos sentidos, que dinamizava e divinizava a natureza, transformada em força misteriosa e amiga, que tudo criava e tudo consumia”²⁸. Esses sentimentos que o acompanham, corporificam-se numa agudeza nunca vivenciada que o espírito do século XVIII combatia e dele se distanciava; fazendo com que os

25 ROUSSEAU, J.-J. *OC II. Julie, ou La Nouvelle Héloïse*. 1961, p. 79.

26 NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 2005.

27 NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 2005, p. 69.

28 ELIA, S. Romantismo e linguística. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 2005, p. 115.

intelectuais desse período, que por um tempo curto acreditaram em sua entrada para a liga dos *philosophes*, porém não tardando muito para identificarem-no como alguém estranho e incompreensível.

É conhecida a importância que os pré-românticos do *Sturm und Drang* atribuem à natureza. Goethe²⁹ confessa, “a natureza era nosso ídolo”, no entanto, não era uma “natureza enganosa”, nem uma “filosofia abstrusa e insuficiente”, mas uma “natureza reveladora”. E dentre alguns autores com essas características, encontraram a natureza tão almejada e agora reverenciada, na natureza de Rousseau. A partir desse ponto, Goethe³⁰ então, admite: “Sabíamos reconhecer que devíamos muitos benefícios e muitas conquistas à grande e admirável sociedade francesa”. Mas, era na figura do genebrino que o reconhecimento de uma possibilidade de lealdade verdadeira e sincera, do sentimento e da natureza, se tornava real. “Rousseau nos havia encantado. Todavia, quando considerávamos a sua vida e o seu destino, nós o víamos, em recompensa de tudo que produzira, forçado a viver desconhecido e olvidado em Paris”³¹. E ainda num trocadilho que faz entre poesia e verdade entre Rousseau e sua personagem da *Nova Heloísa*, revela:

As cartas de uma Júlia eram muito estimadas; gozava ela de grande reputação como mulher de espírito e de mérito, e como amiga de Rousseau. Quem quer que tivesse alguma relação com esse homem extraordinário era iluminado por um raio da sua glória, e uma comunidade secreta espalhava-se ao longe, ao abrigo do seu nome³².

Em seguida, esse grupo de jovens alemães iria também reconhecer a afinidade que Diderot tinha com eles, “[...] mais tarde essa canalha pululou no Parnaso alemão”³³. Com todas essas considerações que uma das maiores figuras do Romantismo alemão tece em sua autobiografia, reverenciando a influência que esses dois homens – Diderot e Rousseau – exerceram sobre a arte deste período, pode se constatar, conforme Goethe³⁴, que:

Também aí foram eles os nossos guias, e da arte nos conduziram à natureza. Em todas as artes, o objeto supremo é produzir pela aparência à ilusão de uma

29 GOETHE. *Memórias: poesia e verdade*. 1986, p. 374.

30 GOETHE. *Memórias: poesia e verdade*. 1986, p. 374.

31 GOETHE. *Memórias: poesia e verdade*. 1986, p. 374.

32 GOETHE. *Memórias: poesia e verdade*. 1986, pp. 424-425.

33 GOETHE. *Memórias: poesia e verdade*. 1986, p. 375.

34 GOETHE. *Memórias: poesia e verdade*. 1986, p. 375

realidade superior. Mas segue-se por um caminho falso quando se realiza a aparência a tal ponto que não resta, finalmente, senão uma realidade vulgar.

Contudo, é oportuno esclarecer que, com o protesto do germanismo na literatura, e, ainda que se encontre na sua origem, uma influência da língua francesa, como é o caso de Rousseau; contudo, percebe-se que a interpretação acerca do genebrino, provavelmente não fosse a que esperasse, pois isso, no futuro, ocasionaria uma série de equívocos:

O evangelho do retorno à Natureza de Rousseau, recebeu o nome de *Sturm und Drang* – ‘Tempestade e ímpeto’ – segundo o título de uma peça de um desses jovens inovadores, Klinger. Na verdade, tratava-se de um rousseauísmo interpretado à maneira alemã. Porque, para o autor do *Contrato Social*, o estado de natureza não se apresentava como um fato pré-histórico, caos primitivo ou barbárie original para o qual era preciso simplesmente retrogradar. O retorno à Natureza era para Rousseau, pelo contrário, o retorno a condições de vida mais conformes à verdadeira natureza humana, era o respeito às exigências primordiais dessa natureza, a qual podia ser realizada no interior mesmo da ordem social. – Os jovens autores da *Sturm und Drang* viraram do avesso o evangelho de Rousseau, dando-lhe o sentido de um primitivismo anárquico, irracionalista, virgem de todo compromisso com a vida³⁵ civilizada³⁶.

35 Sobre isso, Goethe (1986, p. 456) faz o reconhecimento de que, uma má interpretação de uma escola e mesmo de um autor, sobretudo, quando separadas de sua origem, pois degeneram em frases e desse modo perdem inteiramente na sua significação primeira. Porém, não se deve caluniar como um crime essa conduta, pois tais coisas podem ser vistas como um ataque a fundo contra o que formou a base de sua própria existência e cultura, e também, pode nos levar ao filosofar, ao pensar. E, ao falar sobre isso, ressalta a figura de Klinger, principalmente, de sua dedicação e interpretação acerca das obras de Rousseau, nesse período: “O Emílio era para Klinger o primeiro dos livros, e essas ideias que exerciam uma influência geral sobre o mundo civilizado frutificaram nele mais do que nos outros. Também ele era o filho da natureza; também ele partira de uma posição inferior; o que os outros deviam rejeitar, ele jamais o possuiria; nunca fora retido pelos laços de que os demais precisavam libertar-se; podia, pois ser considerado como um dos discípulos mais puros desse evangelho da natureza, e, pensando nos seus sérios esforços, na sua conduta como homem e como filho, tinha todo o direito de exclaimar: ‘Tudo está bem quando sai das mãos da natureza’; mas uma desagradável experiência o forçou também a reconhecer que ‘tudo degenera entre as mãos do homem’. Não teve de lutar consigo mesmo, mas fora de si mesmo, com o mundo rotineiro a cujos encantos o sábio de Genebra nos queria arrancar. E como, na posição de um moço, essa luta muitas vezes se torna penosa e dura, ele sentiu-se recolocado com demasiada violência dentro de si mesmo para estar em condições de elevar-se uma alegre e serena cultura: teve, pelo contrário, de abrir caminho à força de sofrimentos e combates. Foi assim que se desenvolveu no seu caráter uma veia de amargura, que depois entreteve e alimentou por vezes, mas que em geral soube combater e vencer. [...]”

Kant, neste período, mesmo não fazendo esse tipo de interpretação, ou seja, do credo da volta à natureza, considerava Rousseau como o pensador que havia criado uma nova concepção da natureza³⁷. Lastimava, no entanto, a interpretação de que Rousseau estava propondo um retorno à natureza. Jean-Jacques realmente havia instituído um novo culto à natureza, inclusive, não nega que isso tenha exercido uma forte influência em sua teoria, principalmente, com o *Emílio*, que considerava um livro fundamental e primordial. Mas, o filósofo de Kronigsberg é um dos primeiros a perceber de forma clara que o estado de natureza de Rousseau é apenas uma hipótese, uma ficção, e não uma realidade para a qual se pretenda voltar algum dia como muitos de seus contemporâneos e eruditos modernos insistam em enfatizar. “No fundo, Rousseau não queria que o homem voltasse ao estado de natureza, mas que para ali olhasse do estágio em que agora se encontra”³⁸. Observação também ratificada por Rousseau³⁹ em seus *Diálogos*: “mas a natureza humana não retrocede e nunca retorna aos tempos da inocência e igualdade, uma vez que já se distanciou”.

Também, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, ao utilizar a fórmula de oposição entre natureza e sociedade, para tornar mais significativas as diferenças dos estados. Deixando claro, de como se dá a existência desse estado:

Não constitui empreendimento trivial separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar de nosso estado presente⁴⁰.

Assim, Kant explica que Rousseau ao estabelecer essa ideia de forma hipotética sobre o estado de natureza, está propondo uma suposição que dá muito o que pensar sobre o estado da desigualdade, da corrupção e de degeneração que os homens “alcançaram” na sociedade. Dessa maneira, consegue entender e perceber o intuito do filósofo e reconhece seu espírito, isto é, a capacidade de despertar a reflexão, pois é isto que nos dá a oportunidade do filosofar de nos interrogar, de conhecer a influência da natureza sobre a alma humana, tanto da natureza externa quanto da natureza essência.

Mas isso fez dele o que é, e o que torna tão diversos os escritores e todos os homens é que cada um flutua, em teoria, entre o conhecimento e o erro, e, na prática, entre a criação e a destruição”.

36 SPENLÉ, Jean-Édouard. A Alemanha romântica. In: *O pensamento alemão*. 1945, p. 52.

37 CASSIRER, E. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. 2007.

38 KANT, I. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*. 1968, pp. 326-327.

39 ROUSSEAU, J.-J. *OC I. Dialogues: Rousseau Juge de Jean-Jacques*. 1959a, p. 935.

40 ROUSSEAU, J.-J. *OC III. Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les homes*. 1964, p. 123.

Mas a força dominante no séc. XVIII foi o racionalismo e o otimismo exacerbado no progresso, contra essas questões é que se ergue, o que se denomina, a crítica “pré-romântica” do genebrino, reivindicando os direitos do sentimento. Diante do otimismo racional se ergue o otimismo sentimental, o instinto da consciência e o intimismo de Rousseau, que, entretanto, se transformam ou se decompõem num “Pré-Romantismo” em plena era do Iluminismo.

Portanto, sem a influência de Rousseau seria mesmo, muito difícil explicar a transformação das correntes pré-românticas no Romantismo do séc. XIX. Mas, é interessante observar, que na *Revolução Literária* de Rousseau se encontrava o ponto de partida das correntes espirituais e intelectuais inteiramente diferentes, são matizes rousseauianas que desembocam tanto no primeiro romantismo, na Alemanha do *Sturm und Drang*, quanto nas doutrinas políticas da Revolução Francesa, assim como na moral e na filosofia da história de Kant. Afinal, este parece ser o destino de todo grande autor.

The harbinger of the "romantic nature" in Rousseau' s writings

Abstract: The aim of this paper is to analyze the nuances that flow Rousseau both the first Romanticism in Germany the *Sturm und Drang*, as the political doctrines of the French Revolution, as well as in moral philosophy and the history of Kant.

Key-words: rousseauin shades – German Romanticism – French Revolution – Kant.

Referências bibliográficas

CASSIRER, Ernst. *Rousseau, Kant, Goethe: Filosofia y cultura em la Europa del Siglo de las Luces*. Tradução, organização e introdução: Roberto R. Aramayo. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

ELIA, Sílvio. Romantismo e linguística. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Memórias: poesia e verdade*. Tradução: Leonel Vallandro. Brasília: HUCITEC/Ed. Universidade de Brasília, 1986. v. 2.

HOFFMEISTER, Gerhart. “Europäische Einflüsse”. In: SCHANZE, Helmut (Ed.). *Romantik-Handbuch*. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1994.

KANT, I. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*. Berlin: Ed. Akademie, 1968. v. 7.

NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *OC I. Dialogues: Rousseau Juge de Jean-Jacques*. Premier Dialogue. Paris: Pléiade, Gallimard, 1959a.

_____. *OC I. Les Rêveries du Promeneur Solitaire*. Paris: Pléiade, Gallimard, 1959b.

_____. *OC I. Quatre lettres a M. Le Président de Malesherbes contenant le vrai tableau de mon caractère et les vrais motifs de toute ma conduite*. Lettre 3. Paris: Pléiade, Gallimard, 1959c.

_____. *OC II. Julie, ou La Nouvelle Héloïse*. Paris: Pléiade, Gallimard, 1961.

_____. *OC III. Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les homes*. Paris: Pléiade, Gallimard, 1964.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SPENLÉ, Jean-Édouard. A Alemanha romântica. In: *O pensamento alemão*. Tradução: João Cunha Andrade. Porto Alegre: Ed. Globo, 1945.